

MINISTÉRIO

Uma Revista para Pastores e Obreiros

ADVENTISTA

MAR/ABR 82



NÚMERO 2



TEOLOGIA

**Ellen G. White e
o uso de outras fontes
além das visões**

ÍNDICE

EDITORIAL

- Ver Para Crer
Daniel Belvedere 3

O PASTOR

- Tesouro em Vasos de Barro
Kenneth R. Prather 4

- "Que Proveito Vou Tirar Disso?"
João Todorovich 6

A ESPOSA DO PASTOR

- Mudar-se Quase Pode Ser Divertido
Bette Westfall 9

A SAÚDE DO PASTOR

- Regulagem Pastoral
Dr. Dunbar W. Smith 12

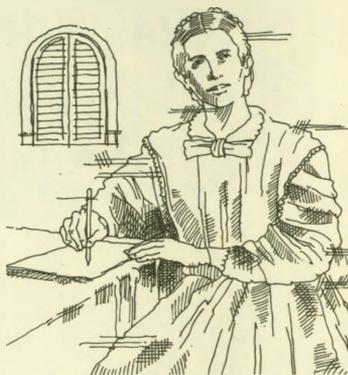
OS CORDEIRINHOS DO REBANHO

- O Lugar da Criança no Culto
Jonas Pinho de Souza 14

TEOLOGIA

- A Escritura é por Inspiração de Deus
Warren H. Johns 16

- Ellen G. White e o Uso de Outras Fontes
Além das Visões
Elbio Pereyra 20



O MINISTÉRIO ADVENTISTA



Nº 2 MARÇO/ABRIL 82

Gerente Geral:
Wilson Sarli
Redator-Chefe:
Rubem M. Scheffel
Redator:
Naor G. Conrado
Diretor:
Arthur S. Valle
Colaborador Especial:
Daniel Belvedere
Colaboradores:
João Wolff

José C. Bessa
Alcides Campolongo
Pavel Moura
Direção de Arte:
Erlo G. Köhler
Rogério Sorvillo Vieira

Diagramação:
Paulo Sartori Gusmão

Assinatura Anual:
Cr\$ 450,00
US\$ 4,00

Esta revista acha-se registrada na DCDP do DPF sob nº 899 — P. 209/73

Todo artigo ou qualquer correspondência para a revista *O Ministério Adventista*, devem ser enviados para o seguinte endereço: Caixa Postal, 07-1042 70000-Brasília-DF



Editado bimestralmente pela Casa Publicadora Brasileira,

Av. Pereira Barreto, 42 – 09000 - Santo André, São Paulo

Capa:
A. Rios

5815

VER PARA CRER

DANIEL BELVEDERE

Não são poucos os que pensam que a era do evangelismo terminou.¹ Desde os dias da Edinburg World Missionary Conference (1910) até agora, o pensamento protestante tem sofrido notáveis modificações no tocante à grande comissão deixada por Jesus Cristo. Nova Déli (1961), México (1963), Upsala (1968), Montreux (1970), Bancoc (1972-1973), Nairobi (1975), para citar algumas das reuniões mais significativas, têm sido testemunhas de gradual abandono da parte do Concílio Mundial de Igrejas dos conceitos tradicionalmente aceitos sobre evangelização.

A despeito do Berlin Congress on Evangelism (1966), Minneapolis Congress (1968), Jerusalem Prophecy Conference (1971), Explo 72, Dalas, Key 73 e International Congress on World Evangelization, de Lausanne (1974), com seus intentos de manter vigente a responsabilidade missionária e evangelística, o mundo protestante tem decaído neste sentido. Não são poucas as denominações que estão sendo absorvidas pela preocupação de prover reivindicações econômicas, políticas e sociais aos menos favorecidos por métodos tradicionalmente considerados à margem do evangelho.

A Igreja Adventista do Sétimo Dia ainda conserva seu interesse pelo evangelismo, embora em certos setores do campo mundial haja um afrouxamento do mesmo, ao passo que em outros seja motivo de preocupação. Com efeito, o grande desequilíbrio entre empregados administrativos (que são uma esmagadora maioria) e os que estão diretamente dedicados à proclamação da mensagem poderá ser um indício de que a seiva evangelística deve ser reativada.

O documento *Evangelismo e a Terminação da Obra*,² publicado em 1976 pela Associação Geral, fala tanto da firme determinação do mais alto corpo da Igreja de manter vivo o evangelismo dentro dos cânones bíblicos, como da captação de alguns sinais de esfriamento no referido terreno.

As duas divisões de língua espanhola estariam dando indícios de crescente convicção e fervor no âmbito da evangelização pública. O teor dos documentos votados nos últimos anos na Divisão Interamericana e respaldados pelo êxito na conquista de almas; os documentos sobre penetração, que em forma gradual vêm impulsionando as atividades da Divisão Sul-Americana nos últimos anos, especialmente o plano para o quinquênio votado em novembro de 1980, são fatos claros que mostram tanto a convicção como o interesse na evangelização nestas duas Divisões do campo mundial.

No entanto, mais que com documentos, a Igreja terá que dizê-lo através de um ministério guiado pelo Espírito, para que esse mundo, esses anjos e esse Universo para os quais somos espetáculo, como que entendam que cremos no evangelismo.

1. J. Herbert Kane, *Christian Missions in Biblical Perspective* (Grand Rapids, Mi. Baker Book House, 1976), Prefácio.
2. *The Ministry*, dezembro de 1976, págs. 3.

TESOURO EM VASOS DE BARRO

O que vossa congregação crê a vosso respeito determinará, até certo ponto, quão bem sucedidos sereis em comunicar algo para eles. Neste artigo são apresentadas quatro maneiras pelas quais podeis realçar a percepção de vossa congregação.

Kenneth R. Prather — Pastor da Community Bible Church, Colfax, Washington.

Phillips Brooks definiu a pregação como "transmitir a verdade por meio da personalidade". Como outras autoridades em homilética e comunicação, Brooks compreendia que num sermão, para que ele seja persuasivo, não somente a mensagem é importante, mas também a percepção que a congregação tem do mensageiro.

Aristóteles, que foi um dos mais importantes pesquisadores da persuasão, asseverou que o caráter pessoal de um orador é o meio de persuasão mais eficaz que ele possui. Roger Nebergall, ex-presidente do Departamento de Comunicação da Universidade de Illinois, afirma que numa situação retórica o discurso é de menor importância; a pessoa que profere o discurso e a atitude do auditório para com ela são fatores mais significativos na persuasão.¹ Mais de cem estudos científicos confirmam a teoria de que a imagem do orador tem considerável efeito sobre a comunicação.

Por conseguinte, se nós, como pregadores, quere-

mos persuadir as pessoas a aceitarem a Cristo e a doutrina cristã, é sumamente importante que tenhamos uma boa imagem. Naturalmente, não temos completo controle sobre o que nossa congregação crê a nosso respeito; não obstante, quatro elementos intensificarão sua percepção a nosso respeito, aumentando assim nosso poder de persuasão. Ei-los: fidedignidade, competência, boa vontade e poder.

Se um não confia no outro, não pode haver genuína comunhão. Muitos personagens políticos estão tendo dificuldade para levar as pessoas a acreditarem neles porque a atitude do público para com os políticos faz com que tudo que eles dizem seja encarado com suspeita. A pessoa em quem não se confia não pode ser uma testemunha fidedigna. A importância da fidedignidade pode ser vista na recomendação de Paulo para que Timóteo manejasse corretamente a Palavra de Deus e em sua declaração de que o centro de sua própria pregação era "Jesus Cristo, e Este crucificado", ao contrário

dos oradores e sofistas cujo principal interesse era a produção de palavras (ver II Tim. 2:15 e I Cor. 2:1-5).

Para o pregador a fidedignidade também abrange crer e viver o que ele proclama. O conselho de Paulo ao jovem pastor, Timóteo, novamente é apropriado: "Ordena e ensina estas coisas. ... Torna-te padrão dos fiéis, na palavra, no procedimento, no amor, na fé, na pureza." I Tim. 4:11 e 12. W. M. MacGregor nos traz à lembrança que um homem não é um pregador devido a alguma forma exterior, pois, como diz o ditado latino: "O hábito não faz o monge".²

O segundo elemento para conseguir uma boa imagem é a competência. A congregação logo perde o respeito e o interesse quando percebe que o pregador não conhece aquilo sobre que está falando porque não examinou profundamente o assunto, não tem experiência ou não revela integridade intelectual e bom senso.

No âmbito da competência, podem ser apresenta-



das duas razões para a falta de interesse nos sermões hoje em dia. Primeira: em vez de explicar e aplicar a Palavra de Deus, numerosos pregadores gastam muito tempo em política, sociologia e psicologia — setores em que seus auditórios não os consideram peritos (nem esperam que o sejam). Segunda: o pregador talvez não dedique suficiente tempo e erudição a seu sermão.

Boa vontade é o terceiro elemento que realça a imagem do indivíduo. Ocorre quando o orador se identifica com sua congregação e partilha com ela interesses, sentimentos e crenças comuns, bem como genuíno amor e respeito. Indelicadeza, aspecto empertigado, ou intimidar um auditório, prejudicam grandemente o poder de persuasão de um orador.

O pastor local, embora não seja um gênio no púlpito ou grande orador, pode, por meio de sua solicitude pastoral, desenvolver boa vontade entre ele e sua congregação, de modo que seu povo o escute de

bom grado. O coração fala ao coração.

Enquanto freqüentava o seminário em Illinois e pregava numa cidadezinha dessa região, presenciei um incidente que me mostrou a necessidade de boa vontade para que haja persuasão. Um pastor local a quem coube pregar o sermão de formatura da escola secundária, não quis permitir a presença de nenhum outro ministro da comunidade na plataforma junto com ele. Se esse pregador mais tarde quisesse persuadir-me a aceitar a doutrina de sua igreja, seus esforços teriam sido inúteis. Porque ele se afastou de mim.

O quarto elemento que realça a imagem do orador é o poder. Tiago A. Winans, o qual por quarenta e quatro anos lecionou oratória em tais faculdades como Cornell, Dartmouth e a Universidade de Missouri, disse: "Por mais que o orador careça de bondade, raramente será considerado fraco. O orador é um líder, e pessoas fracas não dirigem."

O apóstolo Paulo foi um

poderoso pregador. Ele sabia que Deus o chamara para pregar (ver Gál. 1:15 e 16) e esse senso do chamado revestiu seu ministério de dignidade. Dignidade pessoal e da função exercida tem poderosa influência sobre o auditório. Ele também sabia o que acreditava e por quê. O poder se baseia na entrega e na convicção. A necessidade de poder na pregação pode ter sido a razão por que Paulo recomendou que Timóteo não fosse tímido e que Tito não deixasse que alguém o desprezasse (ver II Tim. 1:7; Tito 2:15).

Na próxima vez que estiverdes perante a vossa congregação lembrai-vos da definição de pregação feita por Phillips Brooks: "Transmitir a verdade por meio da personalidade." Falareis tanto pelo que *sois* como pelo que dizeis.

1. James L. Golden, Goodwin F. Berquist e William E. Coleman, *The Retic of Western Thought*, 2ª edição (Dubuque: Kendall/Hunt Publishing Co., 1978), pág. 219.

2. W. M. MacGregor, *The Making of a Preacher* (Londres: S. C. M. Press Ltd. 1954), págs. 33-46.

3. James Albert Winans, *Public Speaking*, ed. revista (Nova Iorque: The Century Co., 1921) pág. 124.

“Que Proveito vou Tirar Disso?”

A pergunta de Pedro ainda exprime o pensar dos pastores hoje em dia. A maneira como a respondemos para nós mesmos determina qual a espécie de ministério que iremos ter.

João Todorovich — Secretário
Ministerial da Associação da Califórnia do Sul.

Após a pesarosa retirada do rico e jovem príncipe, Pedro falou com franqueza: “Eis que nós tudo deixamos e Te seguimos: que será, pois, de nós?” S. Mat. 19:27. Em termos mais simples, ele estava perguntando: “Que proveito tiraremos de nosso ministério?” Isso, certamente, era uma questão prática para os ministros naquele tempo, bem como atualmente.

Não ouço Jesus responder: “Em verdade vos digo que vós os que Me seguistes recebereis 100 dólares por mês de depreciação de jumentos; 160 dólares para a compra de feno e aveia; e recebereis 360 dólares por mês para ajudaros a adquirir uma casa. Se tiverdes de fazer uma viagem especial de Jerusalém a Belém, recebereis um subsídio adicional. Se um dos outros discípulos cavalgar na mesma montaria, podeis relatar isso a Judas, e obtereis um subsídio adicional de palha para forragem. Se permanecerdes em Minha equipe

durante o tempo requerido e realizardes um bom trabalho, tenho certeza de que a Comissão Executiva logo vos designará uma sinagoga maior. E temos realmente um plano de jubilação muito generoso!”

Na verdade, o ministério é a vocação mais elevada e nobre. A despeito da secularização da sociedade em que vivemos hoje, os ministros do evangelho ainda são respeitados e tratados com deferência até mesmo pelas pessoas mais mundanas. Numa pesquisa efetuada algum tempo atrás, pediu-se que as pessoas classificassem, segundo a ordem de confiança, os profissionais em que elas mais confiavam. Os médicos foram colocados em primeiro lugar, e os ministros do evangelho em terceiro (os vendedores de automóveis foram postos no décimo oitavo lugar!). No entanto, por mais honrados e ilustres que sejamos, não precisamos olhar por muito tempo para nossa própria vida a fim de lembrar-nos dolo-

rosamente de que realmente nos compomos de argila.

Como pastores, frequentemente os leigos nos solicitam que os ajudemos a interpretar a lei moral de Deus em relação com a vida hodierna. Todos nós já recebemos a visita de pessoas que vieram pedir conselho no tocante a alguma situação duvidosa que poderia ser vantajosa para elas nos sentido financeiro ou social. Tais pessoas têm apresentado uma infinidade de razões por que isso seria plausível. Em geral, porém, está envolvida uma questão moral ou ética. E, na maioria dos casos, ao continuarmos a manter o código moral que deve governar os cristãos, o indivíduo replicou: “Eu sabia de antemão que essa era a resposta. Só queria ver qual era a vossa opinião.”

As pessoas voltam-se para nós a fim de que interpretemos a lei moral de Deus para elas. Mas, assim como os juízes e advogados às vezes torcem ou violam as leis civis que juraram defender, nós pastores às vezes somos tentados a torcer a lei moral de Deus para nossos próprios objetivos egoístas. Comumente, quando um pastor decide violar a ética apropriada, o problema se centraliza na questão: “Que proveito vou tirar disso?” — financeira, profissional ou pessoalmente. Raras vezes cometemos esses erros irrefletidamente, posto que, se formos argüídos, rotineiramente alegaremos ignorância como nossa desculpa.

Um dos membros da diretoria de uma união de crédito local veio ter comi-

go um dia e disse: "Pastor, que podemos fazer para tornar nossos pastores honestos?" E prosseguiu falando de um pastor que requereu um empréstimo, mas o seu crédito era tão escasso que não conseguiu habilitar-se. Um pastor amigo dele contraiu um empréstimo em seu lugar, e agora os dois juntos não podem pagá-lo! O diretor mencionou que a esposa de outro pastor obteve um empréstimo, sem declarar um outro que já havia feito, tornando fraudulenta a informação prestada em seu requerimento. Agora, com o seu negócio em declínio, ela declarou falência. "Que podemos fazer para tornar nossos pastores honestos?" Essa pergunta continuou repercutindo em meus ouvidos.

É trágico quando os que foram chamados para interpretar as normas de Deus para os outros não resistem à tentação de torcer ou manipular essas mesmas normas para seus próprios designios egoístas.

"Eis que nós tudo deixamos e Te seguimos: que será, pois, de nós?" Como Pedro, somos tentados a pensar que devido a nossos grandes talentos, devido ao que poderíamos ter ganho financeiramente nalguma outra carreira que não fosse o ministério, ou devido a termos realizado tanto bem para a Igreja, merecemos um pouco mais do que estamos recebendo. E assim infringimos as normas — naturalmente, só um pouquinho — para favorecer a nós mesmos. Que tragédia! Aquele que procura indicar aos outros a correta maneira de viver, deixa

ele mesmo de exemplificar tais normas elevadas! Precisamos submeter nossa vida e nosso ministério ao rigoroso exame das seguintes perguntas:

1. *Dedico tempo suficiente ao estudo pessoal das Escrituras e à oração e à meditação pessoais para manter cada vez mais íntima comunhão com o meu Deus?*

Unicamente vós podeis determinar quanto tempo é suficiente para isso em vossa própria experiência. Será, porém, que vossa relação com Deus é tão valiosa como era há um ano? há cinco anos? Vossa resposta a essas perguntas pode prover a solução. As pesquisas revelam que a maioria das pessoas, mesmo profissionais, atingem certo nível, param de crescer ou até retrocedem depois de chegar à meia-idade. Atingistes esse período no âmbito espiritual?

2. *Evitô tudo aquilo que me debilita mental, física ou espiritualmente? Quer queiramos reconhecê-las, quer não, cada um de nós conhece, subconscientemente, suas próprias debilidades, "aqueles queridos pecados", como os denomina um escritor. Será que realmente os entregamos a Jesus?*

3. *Abuso da autoridade que me é conferida pela Palavra de Deus? Sempre sou um exemplo e um pastor para aqueles que Deus entregou aos meus cuidados?*

"Pastoreai o rebanho de Deus que há entre vós, não por constrangidos, mas espontaneamente, como Deus quer; nem por sordida ganância, mas de boa vontade; nem como domi-

nadores dos que vos foram confiados, antes tornando-vos modelos do rebanho." I S. Ped. 5:2 e 3. Somos dominadores ou pastores? Vosso povo seguirá um líder; poucos deles querem ser impelidos.

4. *Deprecio minha vocação buscando privilégios especiais, propinas ou descontos ministeriais?*

Um pastor que procura obter um abatimento num artigo vendido por um comerciante, alegou: "O senhor sabe que sou apenas um pobre pregador!" O comerciante replicou: "Sim, eu sei que o senhor é um pobre pregador. Eu o ouvi pregar algumas semanas atrás."

É deveras lamentável quando um pastor quer tirar todo o lucro de um comerciante, para fazer um "bom negócio", alegando o aperto financeiro do ministério, e depois andar se gabando do baixo preço pelo qual conseguiu a mercadoria.

5. *Guardo com estrita integridade todas as confidências que me são feitas como pastor?*

Nem sempre é fácil guardar uma confidência. Qual é, porém, a vossa atitude quando um indivíduo afligido por um problema ligado ao pecado vem ter convosco para partilhar seu fardo e aliviar sua culpa? Ele desnuda a alma perante vós. Revelais isso para a esposa? para um colega? ou para vosso amigo mais íntimo? Que é uma confidência senão a confiança que alguém deposita em vós, sabendo que se ele vos revelar o que se passa em seu íntimo, não repetireis essa confidência a alguma outra pessoa?

6. Recuso-me a usar as informações que me são prestadas sobre os membros, ou da parte deles, para meu próprio benefício?

Os membros esperam que os pastores estejam bem acima da pessoa mediana no tocante à honestidade e integridade. Eles têm o direito de esperar uma conduta exemplar de nossa parte. Gostariam de acreditar que somos incapazes de usar nossa posição para proveito pessoal. Não cedais à tentação de abusar dessa confiança.

7. Costumo não estar preparado quando me pongo diante do púlpito, ou usá-lo como plataforma para expor minhas opiniões pessoais acerca da sociedade, da política ou de questões não relacionadas com o evangelho?

Provavelmente, o clamor que com mais frequência chega aos administradores da Igreja é o clamor de melhor pregação e de melhores pregadores. O homem de Deus jamais deve contentar-se com suas realizações na arte de pregar. Sempre deve procurar desenvolver sua habilidade neste sentido e melhorar o conteúdo de seus sermões. As pessoas ainda virão ouvir boas pregações.

8. Demonstro favoritismo ou me alio a facções dentro da igreja?

O verdadeiro pastor é um pastor para *todo* o rebanho, tanto dos que são agradáveis como dos que são desagradáveis. Não podemos ser um pastor para todos se tomarmos partido nalgum problema da igreja. Jamais nos deixemos arrastar para um problema de igreja que

não seja de índole moral. E tenhamos o cuidado de não suscitar um problema moral onde não esteja envolvido um princípio moral.

9. Presto imediata ajuda aos membros em ocasiões de aflição ou necessidade?

Um problema relacionado com o ministério é acharmos que sempre temos de ter todas as respostas. Precisamos reconhecer que nem sempre sabemos exatamente o que é necessário fazer ou dizer, e os membros não esperam isso de nós. Portanto, não andemos proferindo palavras vãs, dizendo para as pessoas: "Sei o que estais passando", quando na realidade nunca passamos por isso. Façamos apenas com que as pessoas saibam que nos importamos com elas e que estamos à sua disposição para amparo e ajuda em momentos de necessidade.

10. Encaro com seriedade o conselho de colegas?

Há duas partes desta questão que precisamos aplicar a nós mesmos. Primeira: devemos orar pelo bom senso de pedir de vez em quando o conselho de colegas. Nenhum de nós possui toda a sabedoria necessária para dirigir nossa igreja ou distrito. Segunda: devemos suplicar que nos seja concedida a graça de aceitar o conselho solicitado, se for mais sábio do que o nosso e correto.

11. Falo desdenhosamente de meu predecessor ou aconselho os membros de congregações onde estive anteriormente sobre a maneira como devem lidar com seu pastor atual?

Quando um pastor parte para outra localidade, de-

ve partir mesmo. Cortai os laços com a igreja anterior! Não vos torneis a exceção à regra. Não volteis a essa igreja ou distrito, a menos que sejais convidados a fazê-lo pelo pastor atual. Não deis conselhos que não sejam solicitados por esse pastor. E se ele não os solicitar, não penseis que ele cometeu o pecado imperdoável e que aquela igreja se desintegrará. Provavelmente será bem sucedido a despeito de suas deficiências pessoais e de vossos piores receios e predições!

12. Só promovo ou efetuo serviços profissionais num distrito anterior mediante convite do pastor atual?

Isto constitui simplesmente uma variação da regra áurea. Apenas é bom gosto e cortesia profissional. Se um membro de igreja do distrito anterior pedir que realizeis uma cerimônia para ele ou sua família, dizei simplesmente: "Terei muito prazer em fazê-lo. Agora, se quiser encaminhar essa questão por meio do pastor de seu distrito, ambos nos sentiremos mais à vontade a esse respeito." Isso é tudo que o caso requer.

13. Estou atento às necessidades físicas e espirituais de um colega jubilado que talvez seja membro de minha igreja ou resida em minha comunidade?

Não negligenciem os obreiros aposentados. Tais pessoas dedicaram a vida à Igreja. Continuemos a amá-las e fazer com que se sintam ligadas à Igreja, mesmo que não sejam mais capazes de desempenhar uma parte ativa.

14. Sou sensível às ne-

cessidades de minha família, reconhecendo que eles constituem minha primeira responsabilidade como servo de Deus?

Não olvideis vossa esposa e vossos filhos. Eles também são gente. Dedicai-vos a eles e suas necessidades. Constituem tão verdadeiramente vossa grei como o rebanho maior pelo qual fostes chamados a labutar. Tornai-os vosso primeiro empenho, sem negligenciar os outros membros de vosso rebanho.

Ética ministerial! Que desafio nos é lançado ao procurarmos conduzir nosso povo a mais íntima e rica experiência com Deus!

"Nós deixamos tudo para seguir-Te. Que proveito vamos tirar disso?" S. Mat. 19:27, *O Novo Testamento Vivo*. Na resposta que deu a Pedro, Jesus promete que receberemos "cem vezes tanto" e herdaremos a vida eterna (v. 29). Recebo "cem vezes tanto" no tempo presente toda vez que tenho o privilégio de conduzir uma alma a Cristo. Meu salário e meus auxílios são necessários para suprir as necessidades físicas da vida, mas minha verdadeira bonificação ocorre toda vez que vejo uma pessoa dar o coração a Jesus.

Como sou feliz por ter uma parte em Seu ministério! Sou o mais rico dentre os ricos, "nada tendo, mas possuindo tudo" (II Cor. 6:10).

Como ministros do evangelho, vivamos cautelosa e frugalmente quando necessário, mas não sejamos mesquinhos, nem depreciemos nosso ministério com uma conduta inconveniente. ■■

Mudar-se Quase Pode ser Divertido

Não permitais que a contemplação de caixas e engradados vos deixe apavoradas. Só necessitais de algumas sugestões úteis de uma pessoa experiente que já realizou 24 mudanças e de um pouco de organização de vossa parte — e pronto: haverá ordem em meio ao caos!

Bette Westfall



Não concordais com isso? Talvez eu possa mudar vossa opinião. Depois de ler alguns palpites oriundos de minha própria experiência e outros que coligi de diversas esposas de pastores, talvez também sejais levadas a crer que mudar de casa pastoral não é tão mau assim. Na realidade, pode não ser muito prazeroso encaixotar todos os pertences e transportá-los com a família a uma nova localidade; mas, se tiverdes uma atitude correta para com isso e praticardes alguns truques de uma veterana em mudanças, isso poderá ser

um desafio que *quase* seja agradável.

Na verdade, mudar-se pode ser uma verdadeira bênção se residistes na mesma casa durante vários anos. Sou o tipo de indivíduo que crê na teoria: "Em caso de dúvida, rejeite-o"; portanto minha família não acumulou um excesso de artigos através dos anos. Tendo mudado vinte e quatro vezes em trinta e dois anos, aprendi que quanto menos forem os bens terrenos a serem colocados no caminhão, tanto melhor.

Comecemos com os pontos básicos nas mudanças. Logo que souberdes vosso novo endereço, comunicai-o aos publicadores das revistas e dos jornais que recebeis atualmente. A maioria dos publicadores solicitam que essa comunicação lhes seja enviada com seis semanas de antecedência.

A seguir, começai a guardar boas caixas reforçadas de diversos tamanhos. Companhias de mudanças vendem caixas que

podem ser desmontadas e dobradas depois de cada mudança. Barris de fibra também são bons para acondicionamento, e podem ser obtidos de fábricas, padarias ou armazéns. Esses barris são ótimos para acondicionar pratos, vasos e panelas, abajures e outros objetos volumosos ou frágeis. (Também comporão excelentes abajures em vossa nova residência se forem cobertos com toalhas de mesa guarnecidas de orla.) Os que se mudam para o exterior talvez prefiram acondicionar suas coisas em tambores, que podem ser fechados com solda, protegendo assim os seus objetos de valor enquanto estiverem sendo transportados.

À medida que fordes enchendo as caixas e os barris, colocai um rótulo em cada um deles com o nome do aposento no qual deverão ser colocados em vossa nova casa, incluindo o sótão e o porão. Também podeis numerá-los e fazer uma lista do conteúdo de cada um deles — em cartões ou numa caderneta. É sumamente importante que seja feita uma lista do conteúdo de cada caixa ou barril numa mudança para o exterior, de modo que se alguma coisa for perdida ou furtada, os donos saibam exatamente o que está faltando ao preencher os formulários do pedido de pagamento do seguro. E, seja qual for a distância da localidade para onde se tenciona mudar, uma lista meticulosa do conteúdo de cada caixa ou barril será muito valiosa no desencaixotamento.

Para os livros é melhor usar caixas pequenas, pois

são pesadas quando ficam cheias. Em vez de incluir o título de cada livro na relação do conteúdo, os livros devem ser encaixotados por categorias ou assuntos: História, pregação, histórias para crianças, receitas, etc.

Um casal achou que o transporte dos livros seria mais fácil se tivessem uma estante que na realidade fosse um conjunto de caixas de madeira com tampas removíveis. Mandaram confeccionar uma estante dessa natureza, sendo as caixas ou repartições cada vez maiores de cima para baixo, a fim de eliminar a possibilidade de que o conjunto tombasse. Colocaram alças nas extremidades para facilitar o transporte, e as caixas são empilhadas na ordem certa sobre o caminhão. Quando chegam ao local de sua nova residência, viram as caixas, e os livros se encontram automaticamente na mesma ordem que antes, prontos para serem encontrados quando for necessário. Tais estantes podem ser usadas para separar um aposento do outro, ou encostadas numa parede.

Não é necessário que a casa fique completamente transtornada antes que chegue o dia da mudança. Se as caixas foram bem escolhidas, elas podem ser empilhadas num lugar à parte, com as respectivas etiquetas de seu conteúdo. Se for preciso tirar um artigo que foi encaixotado prematuramente, não será difícil achá-lo.

Descobri que usar artigos de linho para acondicionar pratos economiza muitas horas de lavagem de louça. Papel de jornal

pode ser um meio de baixo preço no acondicionamento, mas a tinta preta mancha os pratos. Os produtos *Tupperware* podem ser usados para acondicionar utensílios de cozinha ou acumulados em seu próprio bojo a fim de economizar espaço. Por outro lado, pode-se poupar tempo colocando o conjunto de utensílios para serviço de mesa em sacos de plástico e amarrá-los firmemente.

Na realidade, sacos de plástico podem ser usados para acondicionar muitas coisas, incluindo plantas domésticas — especialmente nas mudanças durante o inverno. Uma família que estava de mudança colocou suas plantas no automóvel rebocado pelo caminhão, acomodadas em caixas rasas e tendo como enchimento toalhas de papel e jornais. Antes de partir, eles molharam as plantas, as toalhas e os jornais. A tepidez do carro produziu um efeito semelhante ao de uma estufa, com suficiente umidade para conservar as plantas até a chegada à nova residência.

As plantas muitas vezes constituem um problema na época da mudança. Uma família não tinha espaço suficiente para levá-las junto quando eles se mudaram, mas deixaram-nas com amigos que pretendiam visitá-los mais tarde e que se prontificaram a levar as plantas nessa ocasião. Outra família vendeu suas plantas e usou o dinheiro para comprar plantas novas. As pequenas às vezes podem ser transportadas para a nova residência, mas as grandes provavelmente devem ser vendidas ou dadas de

presente, pois se quebram com facilidade. A igreja que está sendo deixada geralmente pode usar plantas adicionais, e vossos amigos apreciariam ser contemplados com alguma coisa que foi cuidada com todo o carinho.

As colgaduras que não precisam ser limpadas antes do acondicionamento podem ficar penduradas até o último momento. Dobrar as colgaduras com as pregas em cima, para servir de guia, resultará em vincos que tendem a desaparecer quando elas forem penduradas de novo. Depois de dobrar cada uma das colgaduras, convém cortar tiras de papel grosso e prendê-las em cada uma das extremidades da colgadura com fita adesiva. Ela pode então ser dobrada pelo meio e acondicionada numa caixa apropriada. Usar barbante para prender colgaduras tende a causar vincos. Se a casa está sendo vendida, as colgaduras geralmente ficam onde estão. Se estais mudando de uma residência alugada, poupai vossas colgaduras, evitando vendê-las por uma bagatela. Se forem compradas colgaduras e cortinas em cores básicas, elas poderão ser usadas novamente noutra casa.

Ao fazer os arranjos referentes ao veículo em que será efetuada a mudança, convém encomendar suficiente quantidade de cobertores próprios para proteger os móveis. Também é bom guardar os engradados, as caixas ou as embalagens de móveis, colchões e outros objetos. Eles podem ser usados para proteger esses artigos no dia da mudança.

Poupai o máximo de tempo possível e, por outro lado, afastai todos os incômodos que puderdes. Objetos pequenos, como quadros, podem ser acondicionados em gavetas de camiseiras ou cômodas, junto com a roupa. Peças de vestuário que estavam penduradas também podem ser dobradas e colocadas em gavetas de camiseiras ou cômodas. As gavetas devem ser tiradas enquanto o móvel é colocado no caminhão, e depois inseridas novamente em seus respectivos lugares. Isto poupará muitas horas de serviço na nova residência.

Não proteleis até o último dia a limpeza do fogão, das janelas, das instalações, dos armários e cubículos, e a remoção de impressões digitais e nódoas. Efetuai-as com antecedência. O fogão pode ser borrifado com produtos especiais que facilitem a eliminação de manchas de gordura e nódoas.

Se for possível, convém limpar, pintar e decorar a nova residência antes da mudança. Assim, quando for descarregado o caminhão, as coisas podem ser desencaixotadas e arrumadas com rapidez e desembaraço. Por falar nisso, se vós mesmos estiverdes de mudança, permitime fazer uma sugestão quanto à maneira de carregar o caminhão. As caixas devem ir primeiro, seguidas pelos móveis. Destarte, quando chegardes à nova residência, os móveis serão descarregados primeiro. Se as coisas foram colocadas de tal modo no caminhão que as caixas tenham de ser descarregadas primeiro, estas devem

ser postas na garagem ou nalguma outra parte da casa que não seja usada até que os móveis tenham sido colocados em seus devidos lugares.

Limpar os cobertores, as colchas, passadeiras, cortinas e colgaduras antes da mudança facilitará a arrumação na nova residência. E depois de chegar ao novo lar, montar as camas e colocar as lâmpadas dará uma sensação de estabilidade.

Outra sugestão para economizar tempo diz respeito ao alimento. Antes que chegue o dia da mudança, dobrai as fornadas de vossas receitas prediletas, e ponde a quantidade adicional na geladeira. Quando estiverdes exaustos e o trabalho parecer insuperável, um assado predileto elevará consideravelmente vosso estado de ânimo. Uma sopa de lentilhas e verduras é fácil de fazer, e servida com pão e leite frio constitui uma refeição nutritiva e apetitosa. Certas iguarias cozidas antecipadamente podem ser usadas durante o encaixotamento e também logo após a chegada ao novo lar. Tais alimentos, bem como as verduras e as frutas congeladas, podem ser recolocados na geladeira depois que esta for posta sobre o caminhão, e se a viagem não for muito demorada, permanecerão frios até a chegada à nova residência. A geladeira é um bom lugar para guardar panos de limpeza, rolos de papel higiênico, toalhas de papel, lençóis e outras coisas leves que serão necessárias na chegada.

A mudança de uma família com crianças, principalmente se forem peque-

nas, requer cuidados especiais. É provável que alguém se prontifique a cuidar delas durante o período de encaixotamento, mas talvez seja melhor que a mãe as mantenha junto dela. As crianças maiores podem ajudar a guardar as coisas, especialmente seus próprios pertences. Até uma criança de cinco anos de idade pode ajudar de diversas maneiras. As criancinhas têm dificuldade em compreender como suas coisas chegarão a sua nova residência. Por conseguinte, convém que elas ajudem (ou pelo menos observem) o acondicionamento de seus pertences, vejam as caixas serem colocadas sobre o caminhão e descarregadas na outra casa. Isso talvez leve mais tempo, mas contribuirá para que elas se adaptem com mais facilidade a sua nova residência. O livro *I'm Moving*, escrito por Marta W. Hickman (Nashville: Abingdon Press, 1975), também pode ser útil para explicar às criancinhas que elas irão mudar-se para outra casa.

Constitui um verdadeiro desafio acondicionar todas as coisas, colocá-las sobre o caminhão, mudar-se para outra parte do país e restabelecer o ambiente doméstico. As coisas materiais são importantes — elas provêm a sensação de um lar. No entanto, são as pessoas que realmente formam o lar. Não importa quantas vezes tenhais de mudar, não importa quantas caixas desaparecerão ou quantos pratos irão quebrar-se, ainda te-reis vossa família. E, afinal de contas, é nisso que consiste o lar. ■

Regulagem Pastoral

Damos mais atenção a manter nossos automóveis do que a salvar nossa saúde? Semelhante costume pode resultar num colapso ministerial. Eis aqui quinze sugestões para a máxima realização diária.

Dr. Dunbar W. Smith

Professor na Universidade de Loma Linda, Califórnia.

Reconhecemos que nenhum programa isolado pode suprir todas as diferentes necessidades de cada indivíduo. Talvez a maioria dos pastores tenham um programa diário que varia dum dia para o outro. Contudo, as sugestões dadas a seguir constituem importantes princípios para boa saúde e eficiência no ministério. Recomendamos que penseis seriamente em pô-las em prática, adaptando-as segundo for necessário para corresponderem a vossa situação particular. — Os Editores.

O grande movimento religioso iniciado em Oxford pelos Wesleys e seus colaboradores foi denominado Metodismo porque o programa de vida, estudo, adoração e labuta dos membros era cuidadosamente sistematizado. Isto os habilitava a fazer o melhor uso de seu tempo.

Seríamos mais bem sucedidos em nossa experiência cristã e em nosso trabalho e teríamos melhor saúde se fôssemos individualmente mais orga-

nizados e se nosso programa diário fosse elaborado de maneira mais metódica. Sugerimos o seguinte:

1. Levantar cedo. Para facilitá-lo, convém ir para a cama mais cedo na noite anterior. Os adultos só necessitam de seis a oito horas de sono. Na verdade, as estatísticas revelam que, se todas as coisas forem iguais, mais sono do que isso *pode* aumentar a probabilidade de morte prematura por cardiopatia.

2. Ao levantar, tomar dois copos de água. Isso descongestiona o estômago, os rins e a bexiga e prepara o trato gastrointestinal para o desjejum. Também hidrata o organismo, diminuindo assim a sede na hora da refeição. Repeti-lo bem antes do almoço e do jantar.

3. Devoções pessoais. A pessoa deve alimentar a alma antes de alimentar o corpo. Comungai com o vosso Criador quando a mente está fresca e há poucas distrações. Estu-

dai sistematicamente algum assunto bíblico e efetuai uma leitura programada das Escrituras e de literatura cristã de boa qualidade. Não negligencieis a meditação.

4. Exercício. Para aqueles cuja ocupação é predominantemente sedentária, como o ministério, o exercício é uma absoluta necessidade. A maioria dos exercícios calistênicos têm um valor limitado; exercitar os grandes músculos das pernas é mais benéfico para proteger o coração. Correr a trote, andar de bicicleta ou nadar é excelente, mas andar é suficientemente bom para a maioria das pessoas. Andar não requer vestuário ou equipamento dispendioso, e quase todos, a não ser que sejam aleijados, podem andar. Convém andar pelo menos uns cinco quilômetros por dia, seis vezes por semana. Deve-se andar depressa e respirar profundamente.

5. Banhar-se. Um banho comum ou de chuveiro, especialmente após exercícios transpiratórios, é importante. Convém banhar-se diariamente para limpar os poros. O mordomo do templo do corpo deve mantê-lo bem limpo.

6. Culto Familiar. O Lar, como o corpo, é um templo, e o pai é o sacerdote oficiante. É um chavão, mas não deixa de ser verdade que a família que ora junto permanece unida — dirigindo-se para o Reino.

7. Desjejum. Esta deve ser a principal refeição do dia. O estômago descansou durante a noite e está na melhor condição para lidar com o alimento. Um desjejum substancial provê energia para as ati-

vidades da manhã, dispensando o café às dez horas ou eliminando a avidez pelos cigarros experimentada por algumas pessoas cujo desjejum consistiu de uma bebida quente e um pãozinho doce.

As crianças também vão muito melhor na escola se tomam regularmente um desjejum substancial, e as pessoas mais idosas ficam menos nervosas durante o dia após um desjejum abundante. Naturalmente, uma opípara refeição à noite tornará difícil tomar um bom desjejum no dia seguinte. Um nutricionista aconselha comer no desjejum como um rei, no almoço como um príncipe, e no jantar como um mendigo.

8. Trabalho matinal. Havendo observado e praticado as sugestões precedentes, a pessoa estará cheia de energia, sendo portanto capaz de realizar mais do que meramente ganhar seu salário.

9. Almoço. A refeição do meio-dia também deve ser substancial. Uma breve caminhada após o almoço favorecerá a digestão.

10. Trabalho à tarde. Completar as tarefas do dia e, ao chegar em casa, ...

11. Completar o exercício do dia. O exercício sugerido no item nº 4 será melhor efetuado em duas etapas: antes do desjejum e antes do jantar.

12. Jantar. Tomar uma refeição leve, incluindo tais alimentos como frutas, talvez um pouco de pão de trigo integral e uma bebida quente de baixo teor de calorias. Após o jantar, tomar pouco líquido, ou líquido algum.

Se for viável, os obreiros

mais idosos e sedentários podem passar com duas refeições por dia: o desjejum e uma segunda refeição por volta das duas ou três horas da tarde. Sem dúvida, é difícil seguir tal regime na civilização atual. Na realidade, porém, muitos tomam apenas duas refeições por dia, pois não comem quase nada no desjejum. Tomam duas refeições de modo incorreto: um lauto almoço ao meio-dia e um opípara jantar à noite. Com toda a probabilidade, este último contribuirá para causar obesidade e impedirá o sono restaurador.

13. As primeiras horas da noite. Convém fazer bom uso dessas horas. É o tempo apropriado para preservar o vínculo familiar. O lar deve ser o lugar mais atraente para os filhos. Tornai-o assim.

Certificai-vos de que o culto vespertino com a família seja breve e interessante, e adaptai-o às necessidades de todos. Incentivai a participação de cada um. Esta é a ocasião apropriada para rememorar as providências de Deus para o dia e agradecer-Lhe as bênçãos recebidas.

14. Devoções pessoais. Pouco antes de ir para a cama, orai pessoalmente e entregai-vos a Deus durante a noite.

15. Deitar-se cedo. Convém contrair o hábito de deitar-se suficientemente cedo para ter seis a oito horas de sono, de modo que sejam restauradas as forças e o indivíduo possa levantar-se cedo para a rotina do dia seguinte.

Sistema e regularidade promovem a saúde e tornam a vida muito mais agradável. ■■

O LUGAR DA CRIANÇA NO CULTO

Jonas Pinho de Souza — Aluno de Teologia do IAE

Naquela bela, estrelada noite de primavera, a igreja estava repleta.

Nos primeiros bancos sorrisos puros e alegres eram vistos.

Com uma inquietação controlada, as crianças aguardavam com ansiedade o momento de entrar em cena.

Havia sido combinado que naquela noite, todas elas haveriam de ter uma participação especial, muito especial, na hora do culto.

Com muito esmero e capricho, a pequena Helyn havia se preparado muito bem. Seu coraçãozinho batia mais que o normal à medida que as horas iam passando. Ela não podia ficar mais ali parada. "Por que o dia não termina logo e chega a noite para que possamos ir logo à igreja?" perguntava constantemente a sua mãe. A expectativa a deixava muito irrequieta e nervosa.

Seu arranjo de flores estava lindo; por sinal era o mais bonito... O pastor notou que ela estava radiante, quando se adentrou na igreja. Com muito entusiasmo, as crianças ajudaram a cantar o primeiro hino e ficaram muito reverentes na hora da oração.

O pastor levantou-se e olhou com ternura para todas as crianças. Elas sabiam que o momento havia chegado. Com voz pausada e com tonalidade baixa, o pastor começou sua apresentação naquela noite dizendo:

— Crianças, se vocês estão aqui esta noite, não é porque o papai ou a mãe forçou-as a vir, mas sim porque vocês já têm desde ontem um encontro com Jesus, e Ele mesmo disse que todos nós adultos deveríamos nos tornar como vocês para ter um lugar com Ele, e Jesus continuou dizendo que de vocês é o Reino dEle.

Na noite anterior, após a reunião, o pastor solicitou que todas as mães e as crianças ficassem alguns instantes mais na nave principal da igreja, pois teriam um assunto importante a tratar. A participação dos pequeninos naquela Semana de Oração e reavivamento espiritual era muito importante, não só para eles, mas para a igreja também.

Curiosas, as crianças aguardavam o que o pastor tinha de importante para dizer.

— Vocês vão fazer o culto comigo amanhã. Combinado?

Sorrisos bem vivos, rostinhos desconfiados, acenaram com a cabeça que SIM.

As mães foram convidadas a participar daquela reunião, pois elas desempenhariam um papel importante também. Iriam comprar as flores para seus pequeninos.

Os membros, as visitas e os pais das crianças não entenderam muito bem o que estava ocorrendo, mas acharam-no interessante, apesar de nada ter acontecido ainda.

— Crianças, tragam as flores!

Era uma cena bonita, pois 10, 20, 30... 70 crianças estavam na frente, ordenadamente pondo a sua respectiva flor num dos três vasos que se encontravam ali.

A igreja sorria!

Os membros continuaram não entendendo, porque não houve explicações; porém estavam achando a participação das crianças — dos seus pequenos — algo maravilhoso.

A palestra da noite tinha por título "O Toque Mortal". A atenção da igreja estava agora direcionada para a mensagem espiritual.

O sermão terminou, e foi cantado o hino final e proferida a última oração. Quando todos pensaram que as pessoas que se achavam na plataforma fossem descer para os cumprimentos à porta, o pastor levantou-se e disse:
— Crianças, peguem as flores!

Mais que depressa todas elas se levantaram, tentando pegar a mesma flor que tinham posto no vaso, porém isso era quase impossível, pois havia muitas flores iguais.

No entanto, a pequena Kelyn conseguiu pegar o seu lindo arranjo.

O pastor havia pedido às crianças que não levassem as flores para o papai ou a mamãe, e, sim, para alguma visita ou alguém conhecido.

A menina subiu então à plataforma e, num ímpeto de coragem, entregou as flores ao pastor, deu em seu rosto o beijo mais puro e rapidamente correu para o lado de sua mãe.

O ancião de outra igreja, que estava bastante animado olhando o desenrolar do culto, foi pego de surpresa quando um garoto de dez anos subiu ao púlpito, deu a ele uma linda flor e um beijo na face. Todos notaram a emoção que ficou estampada em seus olhos.

A igreja nunca havia presenciado algo dessa natureza. Todos muito sorridentes abraçaram e beijaram as crianças na saída.

Qual é o papel da criança nos momentos de adoração?

Vamos pensar em alguns.

Elas podem muito bem ficar ao lado de seus pais

e, coagidas, podem até cantar ou mesmo murmurar uma pequena oração. Essa experiência é válida? (Pense nisso.)

Elas podem ficar sentadinhas nos primeiros bancos, em silêncio, ou cochilando, ou mesmo, quem sabe, perder toda reverência, ao Marquinhos contar uma piada. Alguns pais agarram-nas pelas orelhas e, penduradas, serão transportadas para trás da igreja, a fim de tomar umas boas palmadas. Esta atitude traz benefícios? (Pense nisso.)

Elas poderão, também, ter a sua reunião separada. Assim a igreja terá mais silêncio e Deus Se fará presente de uma forma mais eficaz. Porém, pergunto agora: Silêncio é reverência??? Se fosse, o irmão ou a irmã que passa a reunião toda dormindo, seria a pessoa mais reverente da igreja!

Deixar as crianças separadas é a melhor política para o silêncio e a reverência na igreja? (Pense nisso.)

As crianças, de um modo geral, possuem um potencial tão grande que, se devidamente canalizado, poderá fazer da comunidade em que estão, a mais progressista de todas.

Naquela mesma igreja foi feito um teste. O pastor incentivou de tal forma a participação das crianças que, emocionada, a igreja via pequenos de cinco a sete anos levantarem-se, agradecendo a Deus pelas bênçãos e pedindo que a igreja orasse por sua fé.

Já viu algo assim? (Pense nisso.)

Sabe você de algum outro método que poderia incentivar a participação da criança nos cultos?

A amizade de um adulto é muito importante para uma criança que ainda está em formação. Se rapazes e moças bem consagrados e preparados dedicassem mais tempo às crianças, a igreja veria verdadeiros programas espirituais.

O Céu parecia ter descido àquela igreja, quando o órgão encheu o recinto com a suave música. Lágrimas em muitos olhos eram vistas quando aquele dueto terminou de cantar. Carlos, um rapaz de vinte anos, sendo dono de uma bela voz, acabava de cantar o hino, acompanhado em dueto pela pequena Suzete, de seis anos. "O contraste das vozes foi a coisa mais divina que já escutei", diziam alguns.

Como surgiu essa apresentação, muitas outras, e de maneiras diferentes, podem ocorrer.

Ponha a mão no ombro de uma criança ou afogue os seus cabelos, e certamente tocará no coração de seus pais.

Após o final da Semana de Oração, as crianças disputavam um lugar ao lado do pastor. A pura amizade era tão patente e real que se o pastor dissesse: "Crianças, vamos ao hospital fazer um rápido trabalho missionário, com prazer elas iriam. Se ele sugerisse que fossem ao presídio cantar para os presos, elas também iriam.

A partir do momento em que forem dadas às crianças boas oportunidades de participação, elas de tal forma estarão integradas e enquadradas no ritmo da igreja, que muitos problemas desaparecerão por completo. ■■

A ESCRITURA É POR INSPIRAÇÃO DE DEUS

Warren H. Johns

Redator associado da revista *Ministry*

"Confessamos que esta Palavra de Deus não foi enviada nem transmitida pela vontade do homem, mas santos homens de Deus falaram ao serem movidos pelo Espírito Santo, segundo disse o apóstolo Pedro. E que, posteriormente, Deus, pelo especial cuidado que Ele tem por nós e nossa salvação, ordenou que Seus servos, os profetas e apóstolos, pusessem Sua Palavra revelada por escrito; e Ele mesmo escreveu com Seu próprio dedo as duas tábuas da lei. Chamamos, portanto, tais escritos de santas e divinas Escrituras."

"Cremos que essas Escrituras Sagradas contêm plenamente a vontade de Deus e que tudo quanto o homem deve crer para a salvação é suficientemente ensinado nelas. Pois, visto que toda a forma de adoração que Deus requer de nós é consignada nelas em geral, é ilícito que alguém, mesmo que seja um apóstolo, ensine diferentemente do que agora somos ensinados nas Escrituras Sagradas." —

The Belgic Confession, 1561 A.D., Artigos III, VII.

É nossa convicção que a Bíblia, composta do Velho e Novo Testamentos, é a revelação escrita da vontade e do caráter de Deus, e que ela chegou à humanidade, em sua forma final, mediante um processo de inspiração. A revelação, que denota o ato de Deus desvendar-Se à raça humana, ocorreu por diversos meios. "Antigamente Deus falou muitas vezes e de muitas maneiras aos nossos antepassados." Heb. 1:1, *A Bíblia na Linguagem de Hoje*. Portanto, o meio de revelação para uma geração pode não ter sido, necessariamente, o mesmo que foi usado para uma geração posterior.

Para Adão e Eva, em seu estado de perfeição moral antes da Queda, o modo de revelação de Deus era a comunicação face a face, livre de toda e qualquer deturpação. O próprio Deus foi o primeiro professor do homem. Adão e Eva eram os alunos, a Natureza era o compêndio, e o Jardim do Éden, a sala de aula. Não havia necessidade de que a Divindade usasse um intermediário, como um anjo ou um profeta, para revelar-Se à humanidade naquele tempo.

Depois, porém, do primeiro ato de desobediência do homem, sua natureza tornou-se corrupta e sua mente, deturpada, e assim Deus não pôde usar mais o mesmo meio de comunicação. O pecado produziu obscuridade entre Deus e o homem (ver Isa. 59:2) e lançou um véu deformador sobre a face da Natureza (ver Rom. 1:20-23). O designio original do Criador era que o mundo natural provesse uma revelação de Sua glória, de Sua bondade, de Seu poder e de Sua divindade (ver Sal. 19:1; Atos 14:17; Rom. 1:18-20). Essa revelação, às vezes chamada revelação geral, tem sido deturpada e diminuída pelos efeitos do pecado tanto sobre a mente do homem como sobre a face da Natureza. Hoje é impossível que o homem não regenerado chegue a uma correta compreensão da Divindade sem o auxílio de uma revelação especial. Portanto Deus oferece ao homem as Escrituras Sagradas como o meio para compreender corretamente a origem, o propósito e o destino do mundo natural e também do gênero humano.

Além da revelação geral da Natureza e da revelação especial da Palavra de Deus, outros meios de revelação divinamente escolhidos são tipos e simbolismos, sonhos, orações atendidas e a Providência Divina. Deus está constantemente Se revelando por Sua intervenção providencial nos negócios humanos. Mas, embora esteja Se interpondo assim em todos os momentos no fluxo e refluxo dos acontecimentos humanos, Ele intervém em determinadas ocasiões de modo especial (como no êxodo da servidão egípcia) para revelar-Se de maneira acentuada. Tais intervenções são chamadas "poderosos feitos" (Sal. 145:12).

O homem também não é deixado meramente em conjecturas acerca da interpretação desses poderosos feitos. "Deus não somente agiu, Ele também falou." — "Documentos Para Estudo Sobre a Inspiração e a Criação", *Adventist Review*, 17 de janeiro de 1980, pág. 8. Sem um comentário divinamente inspirado sobre essas intervenções, o homem, com sua razão desajudada, jamais poderia interpretá-las corretamente. Por exemplo, a concisa declaração: "Cristo morreu pelos nossos pecados" (I Cor. 15:3) apresenta tanto o próprio ato ("Cristo morreu") como o seu significado ("pelos nossos pecados"). Semelhantemente, a revelação dada por meio de sonhos, pelos tipos e simbolismos do ritual do santuário e pela oração atendida precisa ser acompanhada pela interpretação, a fim de que alcance seu supremo valor.

A Revelação Suprema

Muito superior à revelação de Deus em tipos e símbolos, em sonhos e visões ou pela voz dos profetas, é a revelação de Sua Pessoa em forma humana. Por preceito e exemplo, Jesus Cristo, a revelação encarnada de Deus, ensinou verdades sobre Seu Pai que não poderiam ser aprendidas de nenhum outro modo. A revelação centralizada na cruz é a mais elevada forma de revelação, e o conhecimento de "Jesus Cristo, e Este crucificado" (I Cor. 2:2) supera consideravelmente qualquer outra forma de conhecimento. As Escrituras declaram o seguinte no tocante a essa revelação suprema: "Em várias ocasiões no passado e de várias maneiras diferentes, Deus falou a nossos antepassados por meio dos profetas; mas em nosso próprio tempo, os últimos dias, Ele nos falou por meio de Seu Filho." Heb. 1:1, *Jerusalem Bible*.

Para nós que vivemos no século vinte, a revelação de Deus em Seu Filho Jesus Cristo precisa ser comunicada por intermediários, e, neste caso, em grande parte por testemunhas oculares (Paulo é a notável exceção). Uma dessas testemunhas oculares declara que sua proclamação se baseia no "que era desde o princípio, o que temos ouvido, o que temos visto com os nossos próprios olhos, o que contemplamos e as nossas mãos apalparam, com respeito ao Verbo da vida." I S. João 1:1. É declarado que a revelação de Deus na carne humana é muito superior a Sua revelação na lei mosaica (ver S. João

1:14-17; II Cor. 3:7-14), nos tipos e símbolos do ritual do santuário (ver Heb. 8:3-6) ou nas mensagens proféticas (ver S. Mar. 8:27-29; S. Luc. 16:16; Heb. 1:1).

O Papel do Profeta

De acordo com a definição e o uso mais antigo da palavra na Escritura, "profeta" é alguém que age como intermediário ou porta-voz, entre Deus e o homem (ver Gên. 20:7; Êxo. 4:10-16; 7:1). Um profeta não pode transmitir outra mensagem senão a que lhe foi dada por Deus, segundo é ilustrado na experiência de Balaão e no chamado de Jeremias (ver Núm. 22:38; Jer. 1:7). Ele fala com o respaldo de toda a autoridade de Deus, conforme denota a expressão "Assim diz o Senhor". O profeta é alguém que tanto fala como dirige (ver Oséias 12:13), que tanto repreende como anima (ver II Sam. 12:7-14; Esd. 6:14) e que revela os mistérios da intervenção de Deus nos negócios humanos (ver Amós 3:7). A fonte da revelação sempre é Deus; o homem é meramente o instrumento ou meio de comunicação. Deus é sempre o iniciador; o profeta é o respondente. Se a ordem fosse invertida e o profeta tomasse a iniciativa, sua mensagem poderia incidir em erro, tendo de ser alterada mais tarde, como no caso do conselho de Natã a Davi (ver I Crôn. 17:1-4).

Deus escolheu vários métodos para revelar a Si mesmo e Sua vontade ao profeta: impressões inspiradas, sonhos, visões e, às vezes, anjos que transmitiram mensagens explícitas. Nalguns casos o escritor bíblico foi instruído pelo Espírito Santo a consignar

suas mensagens para a edificação do povo de Deus em gerações sucessivas, mas nem tudo dessas mensagens escritas foi mais tarde incorporado à Escritura (ver Josué 10:13; II Sam. 1:18; I Crôn. 29:29; II Crôn. 9:29; 26:22). Às vezes os profetas incorporaram em suas mensagens materiais escritos ou proferidos anteriormente, seguindo a orientação do Espírito Santo (ver S. Luc. 1:1-4; S. Jud. 14 e 15; I Cor. 15:3; Atos 17:28). Noutras ocasiões o profeta ou escritor bíblico recebia impressões divinas sem ter um sonho ou uma visão, enquanto estudava revelações anteriores ou meditava sobre elas. No entanto, o profeta era sempre totalmente dependente do Espírito Santo para escrever as suas mensagens.

É nossa crença "que a Bíblia adveio da atividade divina pela qual Deus Se revelou a instrumentos escolhidos de modo especial. Ele lhes transmitiu o conhecimento de Si mesmo, de Sua vontade, do mundo e do Universo, bem como a base e o meio de compreendê-los. Deus inspirou esses homens para receberem e comunicarem Sua revelação acurada e autorizadamente." — *Idem*, pág. 9.

A revelação diz respeito ao conteúdo da mensagem, bem como à exposição ao profeta ou escritor bíblico. A inspiração designa a fiel e fidedigna comunicação da mensagem às pessoas. A revelação transpõe a lacuna entre Deus e o profeta; a inspiração assegura que a revelação é fielmente transmitida do profeta às pessoas. Na realidade, tanto a revelação como a inspiração

fazem parte de um processo contínuo, e por isso nem sempre é possível separá-las em duas experiências distintas ou sucessivas.

Encontramos um vislumbre da maneira como funciona esse processo no primeiro e no penúltimo capítulos do livro de Apocalipse: "Revelação de Jesus Cristo, que Deus Lhe deu para mostrar aos Seus servos as coisas que em breve devem acontecer, e que Ele, enviando por intermédio do Seu anjo, notificou ao seu servo João, o qual atestou a palavra de Deus e o testemunho de Jesus Cristo, quanto a tudo o que viu." Cap. 1:1 e 2. "Escreve, porque estas palavras são fiéis e verdadeiras." Cap. 21:5. A revelação foi recebida inicialmente pelo profeta João por meio de um anjo, bem como por meio de visões, e, por sua vez, sob a inspiração de Deus, ele devia transmiti-la por escrito às "sete igrejas". Assim é mantida a veracidade e a exatidão da transmissão, mediante o aspecto da inspiração.

A Natureza da Inspiração

Ao considerar a natureza da inspiração, devemos ter grande cuidado e reverência, pois um erudito não inspirado não pode explorar plenamente as profundezas de um processo pelo qual só passou uma pessoa inspirada e que só ela pode compreender na íntegra. A inspiração deve ser definida mais sob o aspecto interno do que externo: isto é, a inspiração deve ser seu próprio intérprete. Escreve o apóstolo inspirado: "Toda Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para re-

preensão, para correção, para a educação na justiça." II Tim. 3:16. Os adventistas rejeitam a tradução deste versículo que se encontra na *New English Bible*: "Toda Escritura inspirada tem sua utilidade para ensinar a verdade e refutar o erro." A inferência dessa tradução é que nem toda "escritura" é inspirada, e isso nós rejeitamos. Achamos que não compete ao intérprete humano escolher e indicar que partes da Escritura são inspiradas, e quais não o são. Ou toda a Escritura é inspirada, ou não o é.

De acordo com nossa compreensão da Escritura, cremos e ensinamos que a inspiração atua mais sobre a pessoa ou sobre o profeta do que sobre a pena. Rejeitamos toda forma da teoria do "ditado" para explicar a existência das Escrituras. Deus Se comunicou por meio de "santos homens de Deus", cuja mensagem, embora moldada e motivada pelo Espírito Santo, foi expressada em palavras de sua própria escolha (ver II S. Ped. 1:21). O vocabulário e o estilo de cada escritor bíblico refletem sua própria personalidade, formação cultural, nível educacional, interesses e associações. Portanto, não se pode dizer que as próprias palavras foram ditadas pelo Espírito Santo.

Na ocasião em que Lhe foi dada a mensagem, o profeta talvez não a tenha compreendido (ver Dan. 8:15, 17 e 27; 9:22 e 23; I S. Ped. 1:10 e 11. A Bíblia, que é a Palavra escrita, é análoga a Cristo, a Palavra encarnada; assim como houve uma fusão do humano e do divino no Deus encarnado, também há uma

fusão do humano e do divino na Escritura. Exatamente como ocorreu essa fusão é um mistério (ver I Tim. 3:16). O produto final é uma revelação infalível da vontade de Deus ao homem, enunciada na finita linguagem da humanidade.

Conquanto reconheçamos que a bem fundada erudição bíblica tem notado diferenças de perspectiva entre diversos escritores da Bíblia (especialmente quando esses escritores lidam com o mesmo assunto) e embora possam ser percebidas pequenas discrepâncias entre os escritores sinópticos dos Evangelhos e entre os relatos paralelos que aparecem em Reis e Crônicas, essas diferenças insignificantes em alguns pormenores não afetam absolutamente o teor global da mensagem bíblica e sua completa fidedignidade. Segundo os padrões de erudição atuais, escritores do Novo Testamento plenamente inspirados podem ter citado ou interpretado "incorretamente" certos textos do Velho Testamento. (Ver S. Mat. 2:23; 27:9; Atos 7:4 e 14; e Gál. 3:17 para exemplos de passagens do Velho Testamento que são interpretadas por escritores do Novo Testamento de certos modos que muitos considerariam duvidosos de acordo com os padrões de erudição atuais.) No entanto, tal situação não afeta absolutamente nossa compreensão de algum importante ensino ou doutrina da Escritura, nem diminui nossa consideração pela Escritura como a Palavra de Deus. Sendo humanas, as palavras em si às vezes podem ser falíveis, mas a

mensagem do imutável plano de Deus para a salvação do homem permanece infalível.

Certamente, a arqueologia bíblica, em vez de lançar dúvidas sobre as Escrituras, reiteradas vezes tem vindicado a autenticidade e exatidão do relato bíblico. Não cremos, porém, que a inspiração da Bíblia depende da pá dos arqueólogos. Concordamos com Francis L. Patton: "É arriscado dizer que, sendo inspirada, a Bíblia deve estar livre de erro; pois nesse caso a descoberta de um só erro destruiria sua inspiração." — *Fundamental Christianity*, pág. 163 (citado em *Revelation and the Bible*, pág. 238).

Embora procuremos usar a arqueologia para vindicar a surpreendente exatidão da Bíblia, se deixarmos que sua inspiração dependa de evidências desenterradas pela picareta dos arqueólogos corremos o risco de que a arqueologia demonstre que um pequeno detalhe bíblico não se harmoniza com os fatos conhecidos. A pá dos arqueólogos tem dois gumes!

A Bíblia autentica a si mesma, e a prova de sua inspiração não se encontra na arqueologia, mas em sua habilidade para transformar vidas humanas e realizar o milagre da regeneração (ver I S. Ped. 1:23).

A Autoridade da Escritura

Quando foram escritas suas Epístolas, Paulo estava ciente de que falava com autoridade do Senhor e de que seus escritos deviam ser usados como prova de fé: "Caso alguém

não preste obediência à nossa palavra dada por esta epístola, notai-o; nem vos associeis com ele." II Tess. 3:14. De acordo com Paulo, tanto suas mensagens orais como escritas vieram diretamente de Deus, sendo portanto autorizadas: "Outra razão ainda temos nós para incessantemente dar graças a Deus: é que, tendo vós recebido a palavra que de nós ouvistes, que é de Deus, acolhestes não como palavra de homens, e, sim, como, em verdade é, a palavra de Deus." I Tess. 2:13. "Se alguém se considera profeta, ou espiritual, reconheça ser mandamento do Senhor o que vos escrevo." I Cor. 14:37.

Quando lemos que o propósito da Escritura é ser "útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça" (II Tim. 3:16), damos a isso a interpretação de que a Escritura é o árbitro e padrão final para determinar o que é verdade. Todo escrito que não é canônico, quer seja inspirado, quer não, precisa ser avaliado pela prova suprema da Escritura, e todo ensino ou prática que não se harmoniza com essa prova deve ser rejeitado.

Cremos que o cânon inspirado se restringe aos sessenta e seis livros do Velho e do Novo Testamento. "Os adventistas do sétimo dia aceitam a Bíblia inteira, crendo que ela não somente contém a palavra de Deus, mas é a Palavra de Deus." — *Adventist Review*, 17 de janeiro de 1980, pág. 10. Rejeitamos a idéia de que existe "um cânon dentro do cânon", como também a possibilidade de que os escritos de algum reformador ou de

algum escritor moderno sejam incluídos no cânon. Para nós, o cânon foi encerrado por volta do fim do primeiro século A.D., embora levasse dois ou três séculos para que a igreja cristã reconhecesse onde deviam ser traçados os limites do cânon. Rejeitamos a possibilidade de que os escritos intertestamentais, como os Apócrifos e os Pseudoepígrafos, sejam incluídos no cânon. Uma razão é que em parte alguma o Novo Testamento os considera como "Escritura" e nem uma vez apresenta uma citação desses escritos com as palavras: "Está escrito".

A autoridade da Bíblia se estende além da prova de doutrina que ela é, para abranger o âmbito da Ciência, História, Saúde e Educação. Seus conselhos provêm um guia infalível para determinar a ética pessoal e estabelecer relações interpessoais. Na realidade, não há nenhum aspecto da vida diária que não seja abrangido por seus princípios fundamentais. A Bíblia provê total orientação para o viver cristão, e, se for seguida, conduzirá finalmente à vida eterna (ver S. João 5:39). Só com a ajuda do Espírito Santo pode o homem interpretar corretamente a Escritura e aplicar devidamente seus princípios à vida diária (ver S. João 16:13).

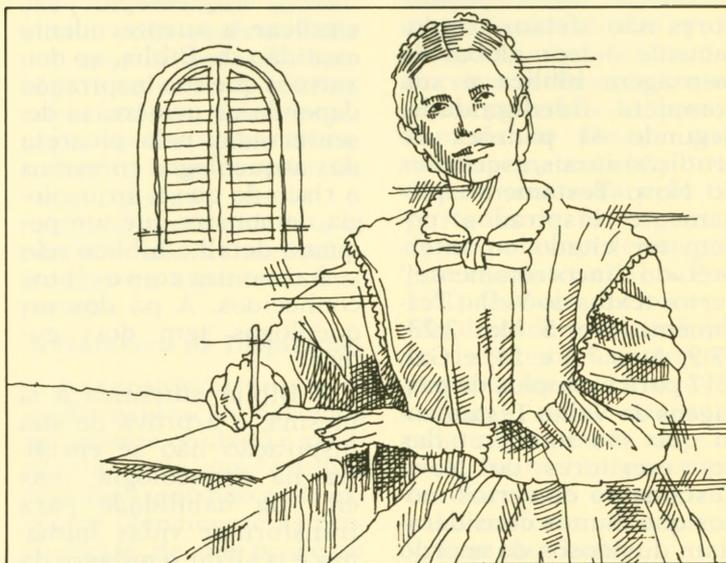
Depois da dádiva de Cristo e Sua morte sobre a cruz, o mais precioso dom concedido por Deus à humanidade é a dádiva de Sua Palavra. Não há instrumento mais poderoso à disposição dos que se entregaram a Cristo como Salvador, do que a Bíblia. Assim como a palavra profe-

rida trouxe vida a nosso planeta, na Criação, a Palavra escrita produz nova vida na alma amortecida pelo pecado (ver Sal. 33:6; diz a Palavra que vive a respeito da Palavra escrita: "As palavras que Eu vos tenho di-

to, são espírito e são vida"; "E a vida eterna é esta: que Te conheçam a Ti, ... e a Jesus Cristo, a Quem enviaste". S. João 6:63; 17:3). Como podemos conhecer a primeira sem conhecer a outra? ❧

ELLEN G. WHITE E O USO DE OUTRAS FONTES ALÉM DAS VISÕES

Elbio Pereyra



Na introdução de *O Grande Conflito*, Ellen G. White declara o seguinte: "Em alguns casos em que algum historiador agrupou os fatos de tal modo a proporcionar, em breve, uma visão compreensiva do assunto, ou resumiu convenientemente os pormenores, suas palavras fo-

ram citadas textualmente."¹

Mencionamos anteriormente que 12% do material de *O Grande Conflito* consiste de citações de diversos autores, especialmente historiadores. Quando eram feitos os planos para a nova edição em língua alemã, houve volu-

mosa correspondência, principalmente por parte de Conradi, sobre as autoridades citadas na obra. Algumas modificações foram autorizadas.² A versão castelhana contém um capítulo adicional à obra original em inglês. Trata-se do capítulo décimo terceiro: "O Despertar da Espanha", que foi escrito pelos Pastores C. C. Crisler e H. R. Hall, com a devida autorização da autora. Isto eleva um pouco mais a porcentagem calculada por Nichols, na edição castelhana.

Quando Ellen G. White visitou a Europa, em 1885-1887, sugeriu-se que fosse preparada uma edição de *O Grande Conflito* que pudesse ser distribuída pelos colportores ao público em geral. A edição de 1888 não somente contém adições à anterior, mas nela foram inseridas as numerosas citações de outros autores que figuram nas edições correntes.

Sempre se considerou que, nesse sentido, a obra era diferente das outras, até mesmo de suas próprias companheiras da chamada Série Conflito.³ Não há referência a outros autores nos demais livros como em *O Grande Conflito*. Evidentemente, porém, eles contêm idéias extraídas de outros autores, embora não na forma de citações copiadas diretamente, e, sim, na forma de paráfrases. Notemos o seguinte exemplo, muito especial, da definição da revelação:

"Não são as palavras da Bíblia que foram inspiradas, não são os pensamentos da Bíblia que foram

*inspirados; os homens que escreveram a Bíblia são os que foram inspirados. A inspiração não atua nas palavras do homem, nem nos pensamentos do homem, mas no próprio homem; de maneira que ele, por sua própria espontaneidade, sob a inspiração do Espírito Santo, concebe certos pensamentos."*⁴

*"Não são as palavras da Bíblia que são inspiradas, mas os homens é que o foram. A inspiração não atua nas palavras do homem ou em suas expressões, mas no próprio homem que, sob a influência do Espírito Santo, é possuído de pensamentos."*⁵

É evidente que Ellen G. White utilizou muita coisa de Stowe em sua definição. Stowe disse que "não são os pensamentos da Bíblia que foram inspirados", e ela omitiu essa frase. Também omitiu a expressão "por sua própria espontaneidade". Em vez de dizer "concebe certos pensamentos", ela disse "é possuído de pensamentos".⁶ Ellen G. White utilizou idéias de Stowe, mas não totalmente. Sua definição assemelha-se muito à de Stowe, mas não é igual. A de Ellen G. White é mais sintética e mais clara que a de Stowe. Este fato é característico em Ellen G. White quando faz uso de outros autores: clarifica, seleciona e sintetiza.

Esse uso de palavras, idéias ou linhas de pensamento de outros autores constitui uma surpresa para muitos na Igreja. O

Pastor N. Wilson mencionou-o numa comunicação através da *Review and Herald*.⁷ A Associação Geral tomou uma resolução de seis pontos, o primeiro dos quais declara o seguinte:

"Reconhecemos que Ellen G. White, em seus escritos, serviu-se de diversas fontes numa forma mais extensa do que havíamos pensado anteriormente."⁸

Foram efetuados vários estudos sobre isso por parte de indivíduos e grupos. O grupo de Publicações White, o secretário, os três associados, dois assistentes e o Pastor A. L. White realizaram estudos comparativos de *O Desejado de Todas as Nações* com seis obras sobre a vida de Cristo que Ellen G. White havia consultado. Alguns deles figuram na coleção de livros que fazia parte da biblioteca do casal White, a qual, em sua maioria, pertence agora ao Patrimônio White.⁹ O estudo foi muito revelador. É evidente que quem lançou o problema ao público exagerou bastante. Também o é o fato de que Ellen G. White reflete algumas linhas de pensamento, embora não tenha sido encontrada declaração alguma copiada textualmente.

Depois que for concluído o trabalho que o Dr. F. Veltman realiza atualmente para procurar estabelecer a relação literária que possa existir entre alguns livros de Ellen G. White e outros autores, a Igreja poderá dispor de uma informação oficial, objetiva e não tendenciosa. A metodologia seguida por W. Rea e suas declarações não partilhadas pela Igre-

ja causaram a esse individuo a perda de suas credenciais e um pouco de inquietação a certos elementos da comunidade adventista.

Não se Trata de um Fato Desconhecido

O Pastor W. C. White fez menção do uso, por parte de Ellen G. White, de materiais de outros autores. Além disso, explicou em diversas ocasiões o procedimento que sua mãe seguiu na preparação de seus livros.

Em 1928, numa carta escrita ao Pastor L. E. Froom, ele disse o seguinte:

"Quanto à leitura de obras de autores contemporâneos durante o tempo da preparação desses livros, há muito pouco que dizer, porque quando a irmã White os estava escrevendo dispunha de pouco tempo para ler. Antes de escrever sobre a vida de Cristo e durante o tempo em que escreveu até certo ponto, ela leu algo das obras de Hanna, Fleetwood, Farrar e Geike. Nunca soube que tenha lido a Edersheim. De vez em quando faz referência a Andrews, especialmente em relação com a cronologia. ... Muitas vezes, quando lia Hanna, Farrar ou Fleetwood, continuava com a descrição de uma cena que lhe tinha sido apresentada vividamente, mas fora olvidada, e que ela podia descrever agora com mais detalhes do que os que havia lido. ... Admirava a linguagem com que outros escritores apresentavam a seus leitores as cenas que Deus lhe apresentara em visão."¹⁰

E acrescenta noutra parte da mesma carta:

Os acontecimentos relacionados com o grande conflito entre Cristo e Satanás ela os recebeu em cenas panorâmicas.

"Em muitos de seus manuscritos... usava aspas. Noutros, não, e seu hábito de usar parte de algumas sentenças que se encontram nos escritos de outros autores e recheá-los em parte com sua própria composição, não se baseava em nenhum plano definido nem foi questionado por seus copistas... e revisores de pormenores de redação até cerca de 1885 e também depois desse ano."

Os acontecimentos relacionados com o grande conflito entre Cristo e Satanás ela os recebeu em cenas panorâmicas. Teve, pois, que completar as formas esqueléticas recebidas do Senhor com fatos da História, "bastante conhecidos e universalmente reconhecidos; ... que ninguém pode negar."¹¹ Esses fatos não constituem, pois, uma revelação, visto que figuram nos textos de História. Deus não revela o que está ao alcance do conhecimento do homem. Foi o que ocorreu com as muitas partes históricas da Bíblia. Lucas recolheu informações para seu livro. Não é que o Espírito Santo lhe revelou o que ele escreveu, pois eram fatos conhecidos. O Espírito atuou sobre Lucas, e seus livros constituem palavra inspirada de Deus.

O assunto da revelação

tem dividido o mundo evangélico pelo menos em dois grupos. O primeiro compõe-se dos que crêem que toda a Escritura é inspirada e verdadeira; isso abrange todas as referências geográficas, históricas, cronológicas e científicas. O segundo grupo compõe-se dos que crêem que só é inspirado o que tem que ver com a salvação e com as doutrinas. A autoridade da Bíblia, dizem, está no âmbito da fé e da prática; Deus permitiu que Seus porta-vozes usassem seus conhecimentos limitados, e por isso escaparam algumas discrepâncias e faltas.

Harold Lindsay, durante algum tempo redator-chefe de *Christianity Today* e homem preeminente no mundo evangélico, escreve o seguinte:

"Quando dizemos que a Bíblia é a Palavra de Deus, não faz diferença se os seus escritores obtiveram as informações através de uma revelação direta de Deus, como no caso do Apocalipse; ou se eles buscaram material, como o fez Lucas, ou se adquiriram o conhecimento utilizando fontes existentes, relatórios da corte real ou mesmo da boca de outros. A pergunta que devemos fazer a nós mesmos é se o que eles escreveram, não importa de onde tenham obtido o conhecimento, é digno de confiança."¹²

Ellen G. White e o Uso de Materiais Históricos

Em 1935 o Pastor W. C. White dirigiu uma série de estudos na Escola Bíblica Avançada do Colégio União do Pacífico, na Califórnia. Nessa ocasião ele referiu-se ao uso de outros

autores por parte de Ellen G. White, especialmente historiadores. Como naquele tempo não existiam as tendências críticas e revisionistas que estão em voga hoje em dia, o assunto não causou muito interesse.¹³ Notemos algumas declarações formuladas então:

“Quando o historiador apresentava o que ela também queria fazer, mas em linguagem muito extensa, para que pudesse utilizá-la parafraseava a declaração, usando algumas das palavras do livro e as suas próprias. Dessa maneira podia apresentar declarações sólidas e abarcantes, mas em forma concisa.... A Sra. White nunca declarou ser uma autoridade em pormenores históricos. Nunca escreveu para corrigir os historiadores. ... Considerava útil o conhecimento da História para melhor compreensão do grande conflito travado nos céus e na Terra em torno do eterno destino do homem; e também que os registros dos conflitos e das vitórias do homem nos tempos passados tinham um propósito instrutivo. ...”¹⁴

O uso, pois, da História se revestia, antes, de propósitos práticos. Não se tratava tanto de confirmar o que os historiadores declaram, como de preencher, de maneira fidedigna, as lacunas resultantes do fato de que ela só recebeu idéias básicas relacionadas com o conflito milenar entre Cristo e Satanás. Recorreu, portanto, aos escritores que mencionavam esses fatos da História que eram de domínio público. Não se trata, pois, de uma revelação. Pode ser afirmada a mesma coi-

**Há notáveis
dessemelhanças entre
esses autores e
Ellen G. White, mas as
semelhanças são
mais comuns.**

sa a respeito do uso de materiais de outros autores quando ela comenta outros acontecimentos bíblicos, como no caso de *O Desejado de Todas as Nações*. A originalidade, que é uma condição indispensável na revelação, não o é, necessariamente, no caso da inspiração.

**Deus, a Fonte de Luz
Verdadeira**

No uso que Ellen G. White faz de alguns materiais de outros autores, chama a atenção sua capacidade seletiva. Tomemos, por exemplo, o caso de Urias Smith, de cujos materiais ela lançou mão em determinadas circunstâncias. Ela nunca adotou as idéias de Smith relacionadas com o Armagedom. Para ela o Armagedom faz parte do conflito milenar: sua última manifestação. Trata-se de uma batalha espiritual. A Turquia não aparece nos escritos de Ellen G. White como na interpretação de Smith. Além disso, a cristologia de Smith era semi-ariana. Mas na que é apresentada por Ellen G. White não há manifestação alguma de arianismo.¹⁴

As visões lhe forneceram, pois, elementos básicos. Além disso, o Espírito Santo podia impressioná-

la em suas pregações, conversações, discernimento e sensibilidade, devido a sua familiaridade com as Escrituras e as coisas de Deus. Isso lhe permitia detectar o que era bom e correto nas declarações de outros autores e utilizá-las depois segundo fosse conveniente.

Quem isto escreve comparou pormenorizadamente alguns capítulos de sete livros que poderiam ter sido consultados por Ellen G. White quando preparava *O Desejado de Todas as Nações*, especialmente os trechos relacionados com a infância e a juventude de Cristo, com o que ela escreveu. As conclusões foram as seguintes:¹⁵

1. É evidente que há semelhança de pormenores entre o que escreve Ellen G. White e alguns desses autores, especialmente Hanna e Fleetwood.

2. Essa semelhança se manifesta no uso de textos bíblicos, algumas palavras e idéias, mas nunca na forma de citações diretas.

3. Há notáveis dessemelhanças entre esses autores e Ellen G. White, mas as semelhanças são mais comuns.

4. Há muito mais material extrabíblico em Ellen G. White do que nos referidos autores.

5. Ellen G. White faz mais aplicações à vida que os outros autores, e mesmo que todos eles juntos, dos fatos da vida do Menino Jesus. (Nove no capítulo “Em Criança”.)

6. Ellen G. White centraliza muito mais a Cristo que os referidos autores. Alguns deles se concentram mais nos aspectos históricos, geográficos e

descritivos, principalmente de lugares relacionados com Sua infância.

7. Nenhum dos autores introduz a característica sobressalente e mui definida em Ellen G. White: a da controvérsia básica entre Cristo e Satanás que campeia em todos os livros da Série Conflito.

8. Alguns dos autores revelam certas características similares entre si, como se houvessem consultado fontes comuns.

Talvez uma das razões, entre outras, para o uso de materiais de outros autores se encontre na idéia expressada em pelo menos dois lugares de seus escritos: Cristo é "o originador de todas as antigas gemas da verdade", as quais, através da obra do inimigo, chegaram a parecer "desligadas de sua autêntica posição e colocadas na trama do erro". A obra de Cristo consistia, em parte, em resgatar essas verdades obscurecidas e dar-lhes outra vez seu brilho original. "Cristo podia usar qualquer dessas antigas verdades sem com isso tomar emprestadas as mais ínfimas partículas, pois Ele originara a todas elas."¹⁶

O segundo lugar em que aparece uma idéia similar é no livro *Educação*:

"O mundo tem tido seus grandes ensinadores, homens de poderoso intelecto e vasto poder investigativo, homens cujas palavras têm estimulado o pensamento e revelado extensos campos ao saber; tais homens têm sido honrados como guias e benfeitores do gênero humano; há, porém, Alguém que Se acha acima deles. Podemos delinear a série dos

ensinadores do mundo, no passado, até ao ponto a que atingem os registros da História; a luz, porém, existiu antes deles. Assim como a Lua e as estrelas do nosso sistema planetário resplandecem pela luz refletida do Sol, assim também os grandes pensadores do mundo, tanto quanto são verdadeiros os seus ensinamentos, refletem os raios do Sol da Justiça. Cada raio de pensamento, cada lampejo do intelecto, procede da Luz do mundo."¹⁷

Assim como alguns de nós ficamos surpresos ao notar que Ellen G. White fez uso de palavras e idéias de outros autores, também poderia surpreender-nos o fato de que essa prática foi seguida por alguns escritores públicos. O princípio expressado nas duas declarações precedentes poderia ser uma boa maneira de aceitar o fato para a Bíblia, bem como para os escritos de Ellen G. White.

Referências

1. *O Grande Conflito*, Introdução, pág. 13.
2. White Estate Document File, n.º 86.
3. A "Série Conflito" compõe-se dos livros *Patriarcas e Profetas*, *Profetas e Reis*, *O Desejado de Todas as Nações*, *Atos dos Apóstolos* e *O Grande Conflito*.
4. C. E. Stowe, *Origin and History of the Books of the Bible*, pág. 20. (O grifo é nosso.)
5. *Mensagens Escolhidas*, livro 1, pág. 21. (Grifo acrescentado.)
6. O original inglês diz: "is imbued with thoughts". A versão castelhana verte a forma verbal

"is", utilizada por EGW, por "está". Sendo que a revelação (ou inspiração) não é um estado do receptor da mesma, e, sim, uma circunstância criada por aquele que inspira, é preferível a forma derivada do verbo "ser".

7. *Review and Herald*, 20 de março de 1980. "O relatório dessa competente comissão indica que, em seus escritos, Ellen G. White usou outras fontes de que até agora não nos havíamos inteirado ou que não havíamos percebido."

8. Voto 8.031, de 5 de fevereiro de 1980.

9. O casal White deixou uma biblioteca de uns 600 volumes, entre os quais figura *The Life of Christ*, de W. Hanna. W. C. White recorda que nalgumas ocasiões seus pais liam juntos, às vezes por uma hora, livros, especialmente de História. Ellen G. White completou com informações extraídas de outras fontes o material básico sobre o qual recebeu revelação. (*Selected Messages*, livro 3, págs. 459 e 462.)

10. W. C. White, Carta a L. E. Froom, 8 de janeiro de 1928.

11. *O Grande Conflito*, Introdução, pág. 12.

12. Harold Lindsay, *The Battle for the Bible*, pág. 30.

13. W. C. White, Estudos Apresentados na Escola Bíblica Avançada, Colégio União do Pacífico, 18-6-1935. O Pastor A. Aeschlimann referiu a quem isto escreve que ele assistiu a esses cursos, mas não lhe chamaram a atenção as indicações específicas então formuladas pelo Pastor White.

14. Ver coleção sistematizada de citações sobre cristologia contidas em *Questions on Doctrine*, Apêndices A e B, págs. 641-660.

15. Albott, Lyman, *A Life of Christ*; Farrar, Frederic, *Life of Christ*; Fleetwood, John, *The Life of our Lord and Saviour, Jesus Christ*; Geike, C., *The Life and Words of Christ*; Hanna, William, *The Life of Christ*; Edersheim, A. O., *Life and Times of Jesus the Messiah*; March, Daniel, *Walks and Homes*.

16. Ellen G. White, *Manuscrito* 25, 1890.

17. *Educação*, pág. 13 e 14. ■

MINISTÉRIO

Uma Revista para Pastores e Obreiros

ADVENTISTA